

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA SECA EM ALAGOAS EM REPORTAGENS

THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE DRY IN ALAGOAS IN REPORTS

Maria Nadine Batalha Dantas

Graduanda em Letras-Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, e pesquisadora iniciante no Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL).
nadinesdantas@gmail.com

Resumo

A partir do contato com a Linguística Aplicada com minha participação como colaboradora no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e no Grupo de Estudo em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), desenvolvi este trabalho, que tem como *corpus* uma reportagem impressa em jornal, Gazeta de Alagoas, publicado nos dias 19 e 20 de agosto de 2017. Sobre essa, questiono-me como a mídia tem poder de construir por meio da língua(gem) significados em prol de sentidos que ela quer alcançar. Por isso, faço uma leitura enunciativo-discursiva da reportagem, analisando a interação entre o “eu” e o “outro”, inferindo que o gênero discursivo analisado se utiliza de determinados recursos semióticos verbais e não verbais para construir determinados sentidos sobre a seca.

Palavras-chave: Reportagem, Discurso, Seca, Linguística Aplicada.

Abstract

From the contact with Applied Linguistics and with my participation as a collaborator in the Program of Institutional Scholarships for Scientific Initiation (PIBIC) and in the Study Group on Applied Linguistics in Questions of Sertão Alagoano. (GELASAL), I developed this work, which has as corpus a newspaper article, Gazeta de Alagoas, published on August 19 and 20, 2017. In this work, I wonder how the media has the power to build through language (gem) meanings for the directions that it wants to achieve. Therefore, I make an enunciative-discursive reading of the article, analyzing the interaction between the "I" and the "other", inferring that the analyzed discursive genre uses certain verbal and non-verbal semiotic resources to construct certain meanings about the drought.

Keywords: Reportage, Speech, Dry, Applied Linguistics.

Introdução

Este trabalho está situado na área epistemológica da Linguística Aplicada (doravante LA), arcabouço que busca fazer pesquisa no modo interpretativista, fazendo uma ciência que visa obter dados de forma qualitativa, sem generalizá-los, ao oposto do modo de se fazer ciência cartesiano-positivista, que tem o objetivo de generalizar os dados e os quantificar. Nesse sentido, considera o enunciado na perspectiva de Bakhtin (2004), conforme Santos Filho (2012), isto é, considera a língua viva, concreta e o contexto social. A LA é trans/indisciplinar, pois permite que outras áreas de conhecimento sejam agregadas ao trabalho, como afirma Moita Lopes (2004). Nessa, há atravessamento de outras áreas de investigação, sendo, assim, preciso ir a outros campos de saber se quisermos estudar sobre língua(gem). Dessa maneira, o objeto da LA é a língua(gem), partir da qual se visa entender os sentidos que foram construídos no enunciado.

Brait (2011), pesquisadora dos estudos bakhtinianos, aborda três concepções de língua e as concepções de sujeito a elas atreladas. Para ela, numa primeira concepção, a linguagem é vista como espelho do mundo, noutra, é representada pelos estudos da linguística moderna, que assumem a visão da língua como código, e, numa terceira, a língua é tratada como lugar de interação, noção que será útil para as reflexões desta pesquisa.

Nesse estudo, a leitura enunciativo-discursiva é realizada identificando o gênero discursivo, pois, confirma afirma Bakhtin (2016), a língua se efetua em forma de enunciados que podem ser orais ou escritos (no caso do *corpus* deste trabalho é um enunciado escrito) que são concretos e únicos, entendendo que há elementos, o conteúdo temático, o estilo e a composição, que são determinados pelo campo de comunicação do discurso.

No que se refere ao *corpus*, sua esfera comunicativa é a jornalística, que busca informar, que, conforme Charaudeau (2006), é essa transmissão de conteúdos que a mídia realiza, sendo necessário compreender a função do gênero discursivo, nesse caso a reportagem impressa. Charaudeau (2006) aborda que as mídias são obstinação de poder que manipulam eles próprios e a si mesmo, não transmitindo o que ocorre na realidade social, mas construindo uma representação que toma o lugar de realidade, pois não existe uma verdade dada, e sim uma construção de sentidos por meio de significados. Nessa perspectiva, a análise neste trabalho é da reportagem impressa, publicada no jornal da Gazeta de Alagoas, nos dias 19 e 20 de agosto de 2017, que é o *corpus* deste artigo. Esse gênero discursivo busca informar aos seus telespectadores, aos leitores do jornal, não representando o mundo, mas construindo uma realidade.

A respeito disso, não se pode tomar essa compreensão apenas entendendo a língua como sistema, mas a interação dos sujeitos que se evidenciam no discurso, sendo, portanto, conforme já dissemos, a realização da leitura enunciativo-discursiva, na qual se entende o enunciado como uma atividade em que há uma interação entre um “eu” e “outro”, onde há propostas de sentidos e tentativas de se produzir sentidos. Foge-se, assim, da ideia de leitura como decifração de códigos (SANTOS FILHO, 2012).

A noção de seca

Neste trabalho, umas das questões a ser estudadas é a noção de seca, entendendo que essa é recorrentemente compreendida como “vilã”, estereotipia que pode ser observada em diversos gêneros discursivos (*outdoor*, artigo acadêmico, vídeo, dentre outros), inclusive pelos gêneros jornalísticos midiáticos, tais como notícia e reportagem. Como aborda Albuquerque Jr. (2011), a discussão sobre a seca passa a ser vista como um problema de um dado espaço, aspecto que generaliza uma região, o Nordeste, por reafirmar um discurso de terra rachada, da fome e da miséria. Essa região é, então, construída discursivamente, numa relação endógena entre Sertão/Semiárido/Nordeste, a partir da seca de 1877-1879, cenário a partir do qual foi inventado o Nordeste. De acordo com esse historiador,

A invenção do Nordeste, a partir da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em relação ao espaço, uma nova sensibilidade social em relação à nação, trazendo a necessidade de se pensar em questões como a da identidade nacional de se pensar uma cultura nacional, capaz de incorporar os diferentes espaços do país. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 52).

As relações no Nordeste que conhecemos hoje são diferentes totalmente daquele Nordeste coronelizado do início do século XX, em que se costumava trocar favores por hospedagem e cultivar a relação de apadrinhamento entre o trabalhador da fazenda e o patrão, conhecido também de forma regional como coronel. Essa mudança ocorrida nos hábitos foi devido à modernização (República do Café com Leite), gerando uma reviravolta no que antes era apenas Norte, passando, posteriormente, parte, a ser Nordeste, devido a interesses políticos, ideológicos e financeiros. Segundo o historiador Albuquerque Jr. (2011),

No antigo Norte, vive-se um período de crise acentuada, com mudanças também substanciais que advêm do processo de aprofundamento de sua dependência econômica, de sua submissão política em relação às outras áreas do país, do seu problema de adoção de uma tecnologia mais avançada e de assegurar mão de obra suficiente para atividades. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 52).

Nesse sentido, conforme argumenta Molion (2016), a expressão “seca no Nordeste” é pleonástica, porque para ele, o Nordeste é semiárido, já que existe uma grande demanda de evaporação. Assim, tanto Albuquerque Jr. (2011) quanto Molion (2016) enfatizam que há uma elaboração pejorativa nessa região pela relação endógena Nordeste/Sertão/Semiárido devido ao fenômeno climático seca. Assim, com Albuquerque Jr. (2014), entendemos que a seca é pensada como agonia do sertão, em que tudo morre, e tudo demonstra uma agonia, envolvendo a natureza e o próprio homem resultando em uma morte lenta.

Albuquerque Jr. (2011) argumenta que foi a partir da seca de 1877-1879 que nasceu o discurso em que foi inventado o Nordeste, pelo fenômeno “seca”, que ganhou relevância construindo uma estereotipia que é mantida até hoje. Contesta que a seca é a “vilã”, a grande causadora da fome, miséria que assola o

Sertão/Nordeste, mas um déficit hídrico para o qual se precisa de políticas públicas de convivência. Desse modo, para esse historiador,

Quando se toma o objeto do Nordeste como tema de um trabalho, seja acadêmico, seja artístico, este não é um objeto neutro. Ele traz em si imagens e enunciados que foram fruto de várias estratégias de poder que se cruzaram; de várias convenções que estão dadas, de uma ordenação consagrada historicamente. São configurações possíveis dentro daquele universo; são tipos e estereótipos construídos como essenciais. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 217).

A esse respeito, com a minha participação como colaboradora no GELASAL, realizei estudos linguísticos, enunciativos-discursivos, que buscam compreender como a reportagem selecionada constrói discursivamente a seca no Sertão de Alagoas, buscando entender também o gênero discursivo tomado como objeto dessa pesquisa, já que os sentidos sobre a seca podem ser construídos de forma diferente em outro gênero.

A análise enunciativo-discursiva e a Linguística Aplicada na pesquisa

Saber ler é muito mais do que apenas decodificar o sistema, os sentidos agrupados, as palavras. Saber ler é entender o funcionamento do sistema, descrevendo-o e interpretando-o. Ao encarar a leitura como um processo enunciativo-discursivo, em que sujeito/pesquisador sairá do modo cartesiano-positivista, que encara a língua como abstrata, compreendemos no uso da língua um sujeito situado, ativo, capaz de realizar escolhas. Assim, na leitura vemos *“um processo interativo de construção de sentidos por parte do leitor; mesmo que nem sempre a atribuição de significado seja consciente”* (SCHWARZBOLD, 2011, p. 21). Desse modo, ao realizar a leitura, tanto o “eu” quanto o “outro” construirão sentidos conscientemente/inconscientemente. No conceito da enunciação concreta, o Círculo de Bakhtin,

(...) compreende o texto como um enunciado, como uma “fala” de um “eu” em direção a um “outro” em um dado momento histórico, que também é político e ideológico. Assim, para ele, os sentidos dos textos não estão presos às palavras ou às estruturas da língua, diferentemente, os sentidos são forjados na relação entre esses sujeitos que “dialogam” naquele texto. (SANTOS FILHO, 2012, p. 33).

Nesse sentido, realizar uma leitura enunciativo-discursiva perpassa por compreender a atribuição de sentidos à estrutura do texto, permitindo, assim, compreender o texto como enunciado, a partir do qual se deve considerar o gênero discursivo em que o texto (enunciado) se encontra, o veículo de comunicação, o perfil psicossocial do outro, a função que esse objeto exerce, além de compreender o contexto histórico em que foi produzido. Assim, o sujeito pesquisador poderá, a partir desse tipo de leitura, ser capaz de descrever, interpretar e produzir significados sobre o texto.

Por essa perspectiva de leitura, são necessárias análises linguísticas sobre as escolhas, mas não apenas uma análise linguística baseada no padrão cartesiano-positivista que apenas está interessado em descrever a língua, generalizando dados de forma quantitativa, mas compreender a enunciação concreta que deve ser feita a partir de uma análise indisciplinar. Sobre isso, Brait (2011) fala sobre as possíveis dialogicidades do enunciado com enunciados anteriores.

Por essas considerações, a Linguística Aplicada é a área de estudos deste trabalho, pois visa por meio da leitura enunciativo-discursiva interpretar o enunciado, de modo indisciplinar (MOITA LOPES, 2004), agregando conhecimentos de outras áreas, além da Linguística.

Análise enunciativo-discursiva da reportagem impressa do jornal Gazeta de Alagoas

O enunciado é sempre situado em um contexto, que pode ser histórico e/ou social e, por isso, segundo Bazerman (2015 p. 163), “*os significados são construídos situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas uns pelos outros*”. Assim, em uma leitura, é necessário perceber as escolhas que foram preferencialmente selecionadas, a fim de ser construído determinado sentido sobre o enunciado. É nesse caminho que o *corpus* da pesquisa, que é a reportagem impressa do jornal Gazeta de Alagoas, intitulada “Sertão revive tempo de fartura”, é analisada.

Inicialmente, é preciso entender esse gênero discursivo, a reportagem, pois os sentidos podem ser construídos diferentemente a partir de diversos enunciados. A reportagem em leitura é composta de três partes, quais sejam, o título, que geralmente usa verbos no presente do indicativo, como podemos perceber inicialmente a forma verbal “revive”, o *lead*, que é uma espécie de parágrafo com uma informação básica sobre o texto, com informações que serão aprofundadas mais adiante no corpo do texto, e o corpo do texto.

A funcionalidade da reportagem é informar ao telespectador, quando a reportagem é televisiva, e/ou leitor, no caso do jornal impresso, sobre determinado assunto, mas, como o gênero pertence à esfera midiática, devemos ter a noção de que não existe uma representação da verdade, mas ela será construída a partir dos significados, dos arranjos, dos usos semióticos que se moldarão para construir a ideia e configurar a verdade que se quer passar ao leitor e/ou telespectador. Segue o *corpus* do trabalho.

Figura 01: Recorte da reportagem impressa “Sertão revive tempo de fartura.”

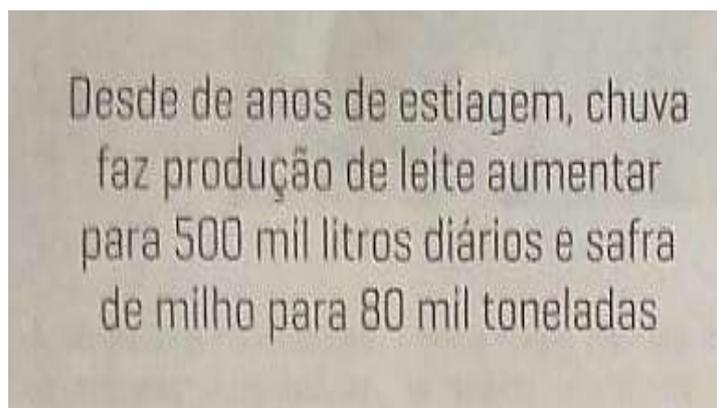
Fonte: Gazeta de Alagoas, 19 e 20 de agosto de 2017.

Neste contexto, a reportagem é um texto impresso que foi publicado no fim de semana, para os dias 19 e 20 de agosto em 2017, devido a chuvas constantes na região do Sertão. A reportagem se encontra na sessão de economia do jornal. Sobre isso, já podemos pensar qual o motivo desse texto ser publicado sob essa rubrica. Certamente porque o enunciado trata de “estiagem”, “chuva”, “gado”, “fartura”, isto é, bons resultados para quem busca lucrar com a pecuária e a agricultura. Por isso, para compreender o enunciado é necessário entender qual o perfil psicossocial do “eu” e do “outro” que está em evidência, pois, assim, entenderemos as escolhas que foram usadas para compor o enunciado.

Na reportagem em destaque, o “eu” utiliza a seção de economia, que aparece intitulada em vermelho, no jornal Gazeta de Alagoas impresso, para circular sobre o “tempo de fartura” que o Sertão (re)vive, marcação linguística, que está localizada no título, também destacado em vermelho. Desse modo, refletimos sobre o motivo desta escolha semiótica e quais significados são aí propostos.

Antes do título, há a menção: “Esperança. Com a vegetação verde e rios e açudes cheios, agricultura e pecuária começam a se recuperar”, na qual a primeira palavra “esperança” também é destacada em vermelho. Com isso, percebemos inicialmente que há destaque para o uso semiótico vermelho preenchido, no sentido de, possivelmente, marcar palavras-chaves, quais sejam, “esperança”, “economia” e “tempo de fartura”, que certamente remetem à prosperidade e a bons tempos que virão, porque está chovendo no Sertão. Ainda no sintagma “[...] agricultura e pecuária começam a se recuperar”, o verbo no infinitivo “recuperar” supõe que antes do período das chuvas a região que (re)vive “tempos de fartura” era castigada pela seca. Observemos o *lead*:

Figura 02: *Lead* da reportagem “Sertão revive tempo de fatura”.



Desde de anos de estiagem, chuva
faz produção de leite aumentar
para 500 mil litros diários e safra
de milho para 80 mil toneladas

Fonte: Gazeta de Alagoas, 19 e 20 de agosto de 2017.

Interpretamos, então, que não há o uso de seca para caracterizar a região, que sofre por falta d’água, mas ao invés disso a falta d’água é eufemizada pelo uso da palavra “estiagem”. A ideia é proporcionar sentidos de que a região não sofra uma estigmatização, porque “estiagem” seria diferente de “seca”. Ou seja, se fosse usado a palavra “seca”, possivelmente o “outro” do enunciado poderia concluir que a região passa por momentos mais difíceis, já que o uso de “seca” poderia ser negativo, relacionado, assim, a região à fome, à miséria, já que, conforme pontua Albuquerque Junior (2011, p. 139), *“a seca é responsabilizada inclusive, pelos conflitos sociais na região”*.

No corpo da reportagem, percebemos algumas comparações que soam até literariamente, a exemplo de “as barragens sangram junto com o olhar dos micro e pequenos agricultores”. Nesse uso do verbo “sangrar”, está a ideia de que quem sangra é porque está com vida, está vivendo. Isso pode também ser interpretado até mesmo no título da matéria, quando é dito que o sertão “revive”, no uso do verbo “reviver”, que do mesmo modo conota vida. Assim, os sujeitos que lidam diretamente com a agricultura ficam satisfeitos a se depararem com essa situação de chuvas e vida no sertão.

Na sequência, é colocado o sintagma “a esperança floresce por todos os lados”, também dialogando com esse sujeito que agora pode investir em uma terra mais próspera. Em um outro momento, é dito que o gado lentamente está ganhando peso e melhorando seu valor econômico e o leite é comparado ao “ouro branco”, no trecho que informa que *“a produção de leite dobrou para 500mil/dia e aumenta a cada momento, a ponto de comprometer o valor do ‘ouro branco’ no mercado consumidor por causa da abundância que provoca queda de preço”*. Entretanto, essa informação é dada como problema, porque não existe tecnologia que estoque a grande quantidade de demanda de leite. Mas, por outro lado, a informação enche os olhos de empresários que lidam com esse tipo de ramo, o leiteiro.

Nesse sentido, já percebemos que o “outro” do enunciado são pecuaristas, empresários do ramo de leite, possivelmente tomados como interessados em investir nesta região que está vivendo tempo de fartura, como é informado no início e em toda a reportagem. Em outro parágrafo, informa que “os programas foram impulsionados no ano passado, mas enfrentaram problemas por causa da estiagem”. Mas, agora, o tempo ajuda o investimento no melhoramento genético do

rebanho. Ao final da reportagem, é dito que o estado de Alagoas é o terceiro que mais cresceu no Nordeste, fato que só viria a confirmar que é uma ótima oportunidade para investir no sertão de Alagoas.

Considerações

Na leitura realizada, a relação de discurso produzida sobre a seca parte de uma estigmatização sobre a região Nordeste, o semiárido e o Sertão, devido ao seu fenômeno climático (MOLION, 2016), a seca. Isso acontece por meio de construções discursivas nas quais a mídia intensifica esse discurso a partir do momento que manipula o leitor com o uso de recursos verbais ou não verbais, em seu caráter multissemiótico.

A esse respeito, é importante compreendermos que o discurso de combate à seca vem se perpetuando por mais de um século e, continuando assim, não irá acabar, porque não se pode enfrentar algo que não existe, conforme Schistek (2017), pois, para ele, a seca é somente a falta de chuva, aspecto comum no clima semiárido. Nesse tipo de discurso, percebemos que a seca é o argumento fundamental usado em um discurso interesseiro e de estigmatização por causa do clima semiárido que possui o sertão nordestino.

Seguindo esse tipo de discurso, a seca é trazida como problema na reportagem, mas ao longo dela é suavizada com expressões linguísticas e não linguísticas, que trazem outras informações sobre a seca, que, agora, quando mencionada, é “estiagem”, pois o interesse é usar a “chuva” como recurso principal de atração para o destinatário. Assim, objetiva que ao invés de ser tratada como um dado climático, a seca, que é a característica semiárida do Sertão, é construída, mesmo que implicitamente, enquanto problema social, fortalecendo o discurso tradicionalista criado sobre a seca e a região nordestina no início do século XX pela elite nortista.

18

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In. Gian Carlo de Melo Silva e Gustavo Manoel Gomes. **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiência**. Maceió: EDUFAL, 2014. p. 62- 88.

_____. E preciso dissolver esse Nordeste! 10min 26seg. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=t_Z_e-EK19Y >. Acesso em 22 de mar. de 2017.

_____. Café filosófico com Durval Muniz. 48min 32seg. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=nGHeVZZmHM> >. Acesso em 19 de maio de 2018.

_____. Entre um café, uma prosa com Durval Muniz - parte 1. 20min 05seg. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=j74HtEJS48U> >. Acesso em 22 de maio de 2018.

_____. Entre um café, uma prosa com Durval Muniz - parte 2. 18min 48seg. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=epc3cnILBf8> >. Acesso em 06 de jun. de 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. O mundo no texto: indexado e criado. In. _____. **Teoria da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 163-180.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da Moita. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. Belo Horizonte: **Scripta**, 2004. p. 159-171.

SCHISTEK, Haroldo. O desconhecimento da caatinga e o mito da seca. In: Biomas brasileiros e as teias da vida. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, nº 500, 03, 2017. p. 46-50.

SCHWARZBOLD, CAROLINE. **Desenvolver a competência leitora: desafio ao professor do ensino fundamental**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Do dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca, UNEAL, 2012.